



RTEP REVISTA ISSN: 2316-1493
TURISMO
ESTUDOS & PRÁTICAS

Artigo/Article

**TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DA VILA DAS ALMAS, EM BREJO/MA:
POSSIBILIDADES E AVANÇOS**

*COMMUNITY-BASED TOURISM IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF VILA DAS ALMAS,
IN BREJO/MA: POSSIBILITIES AND ADVANCES*

Daciléia Lima Ferreira¹
Gilmar Santana²
Josenildo Campos Brussio³

RESUMO: O Turismo de Base Comunitária é um nicho da atividade turística que tem crescido acentuadamente na América Latina. Para as comunidades rurais, tradicionais, quilombolas, indígenas, pesqueiras, o TBC tem desempenhado um papel relevante na preservação e conservação ambiental, bem como, na transmissão da memória e história oral de um povo ou comunidade. A presente pesquisa teve como objetivo investigar os saberes griôs, presentes nas narrativas orais, na memória coletiva, no imaginário e nas representações simbólicas dos elementos culturais da comunidade quilombola da Vila das Almas como condições possíveis de implementação do TBC. A partir disso, a pesquisa se desenvolveu em três etapas. A primeira etapa envolveu a coleta de material bibliográfico (livros, revistas, jornais, teses, dissertações, monografias e internet) sobre os segmentos culturais da Vila das Almas, memória, identidade, imaginário, e a luta dos territórios quilombolas pelo reconhecimento, com ênfase no trabalho comunitário para afirmar suas identidades culturais enquanto quilombolas. A segunda etapa consistiu na pesquisa de campo propriamente dita, na qual desenvolvemos uma pesquisa

¹ Universidade Estadual do Maranhão. Doutoranda em Ciências Sociais (UFRN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3322-1291>. E-mail: limadacileia@gmail.com. Bolsista da FAPEMA (BD - Edital Nº 03/2023)

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutor em Sociologia (USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7048-5192>. E-mail: gsfz@hotmail.com

³ Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutor em Psicologia Social. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7721-9199>. E-mail: josenildo.brussio@ufma.br



qualitativa, de base etnográfica, com observação participante e rodas de conversas. Estes foram os nossos instrumentos de coleta e análise dos dados. A terceira e última etapa se dedicou à elaboração, organização e disseminação dos saberes dos Griôs (investigados e selecionados para contribuir com o desenvolvimento econômico e coletivo do quilombo) por meio de oficinas de práticas educativas, formação de professores e uso de ferramentas tecnológicas. Como resultados, temos que a comunidade quilombola da Vila das Almas, no quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA, atende aos requisitos, princípios, premissas, objetivos e componentes do TBC, conforme apresentados por Fabrino, Nascimento e Costa (2016, p. 5): i) dominialidade, ii) organização comunitária, iii) democratização de oportunidades e repartição de benefícios, iv) integração econômica, v) interculturalidade e vi) qualidade ambiental. **Palavras-chave:** Saberes griôs; TBC; comunidade quilombola; Vila das Almas; Maranhão.

ABSTRACT: Community-Based Tourism is a niche tourism activity that has grown significantly in Latin America. For rural, traditional, quilombola, indigenous, and fishing communities, CBT has played an important role in environmental preservation and conservation, as well as in the transmission of the memory and oral history of a people or community. The present research aimed to investigate the griot knowledge present in oral narratives, collective memory, imagination, and symbolic representations of the cultural elements of the quilombola community of Vila das Almas as possible conditions for implementing CBT. Based on this, the research was developed in three stages. The first stage involved the collection of bibliographic material (books, magazines, newspapers, theses, dissertations, monographs, and the Internet) on the cultural segments of Vila das Almas, memory, identity, imagination, and the struggle of quilombola territories for recognition, with an emphasis on community work to affirm their cultural identities as quilombolas. The second stage consisted of the field research itself, in which we developed a qualitative, ethnographic study, with participant observation and conversation circles. These were our instruments for data collection and analysis. The third and final stage was dedicated to the elaboration, organization and dissemination of the knowledge of the Griots (investigated and selected to contribute to the economic and collective development of the quilombo) through workshops on educational practices, teacher training and the use of technological tools. As a result, we have that the quilombola community of Vila das Almas, in the Saco das Almas quilombo, in Brejo/MA, meets the requirements, principles, premises, objectives and components of the TBC, as presented by Fabrino, Nascimento e Costa (2016, p. 5): i) dominance, ii) community organization, iii) democratization of opportunities and sharing of benefits, iv) economic integration, v) interculturality and vi) environmental quality. **Keywords:** Griot knowledge; TBC; quilombola Community; Vila das Almas; Maranhão.

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que o Turismo busca promover uma interação autêntica e enriquecedora entre os turistas e as comunidades locais, respeitando o modo de vida, a cultura e os saberes tradicionais dos povos envolvidos. De acordo com Gomes, Falcão, Castillo, Correia e Oliveira (2015, p. 2), “o cerne dessas experiências são as vivências oferecidas aos turistas, como o plantio, a pesca, a participação em cerimônias locais, e a hospedagem na casa dos moradores da região, indo contra o padrão dos serviços turísticos oferecidos em massa”. Nesse contexto, o Turismo de Base comunitária nasce como uma alternativa de soluções a problemas locais de natureza econômica, social, ambiental, política e/ou cultural que se dá por meio da cooperação e, do protagonismo da comunidade no planejamento e controle da atividade turística.



No Brasil, nos últimos trinta anos, o Turismo de Base de Comunitária se torna um nicho da atividade turística que vem crescendo sobremaneira nos debates acadêmicos e nos planos de regionalização e municipalização do Turismo. Para Fabrino, Nascimento e Costa (2016, p. 1), “o TBC é apresentado como uma proposta fortemente associada ao turismo sustentável e ao desenvolvimento local”. É uma forma de turismo que visa promover o desenvolvimento sustentável, a valorização da cultura local e a inclusão social de comunidades não vistas pelos mecanismos do *trade* turístico. Nesse modelo, a própria comunidade é a protagonista na gestão do turismo, controlando as atividades, as decisões e os lucros gerados, com o objetivo de fortalecer suas tradições, preservar o ambiente e melhorar a qualidade de vida local.

Para as comunidades quilombolas, o TBC se apresenta como uma oportunidade de geração de renda e superação dos desafios econômicos de cada comunidade. A receita gerada pelo turismo pode ser distribuída de maneira equitativa entre os membros da comunidade, contribuindo para melhorar a infraestrutura local, como escolas, postos de saúde e sistemas de água e saneamento. As atividades turísticas do TBC em comunidades quilombolas são uma forma de promover e preservar a rica herança cultural desses grupos. São planejadas para causar o menor impacto possível no ambiente e nas tradições locais, evitando a exploração massiva de recursos e a descaracterização da comunidade. Isso inclui a preservação de ecossistemas naturais e a promoção de práticas de turismo ecológico, além de incentivar formas de produção e consumo locais.

O Quilombo Saco das Almas é composto por sete comunidades distintas, cada uma com suas próprias características e histórias. Estas incluem a Vila das Almas, Vila Crioli, São Raimundo (Brejo), Santa Cruz, Barroão (Buriti), São José e Pitombeiras. Essa diversidade contribui para a riqueza cultural e histórica do Quilombo Saco das Almas, tornando-o um local de grande interesse para pesquisadores e visitantes (Ferreira, 2019).

O Quilombo ainda não possui a titularidade da terra, mas possui o título de remanescente de comunidades quilombolas, concedido pela Fundação Palmares, desde 15 de julho de 2005 (Ferreira, 2018, p. 67). A comunidade quilombola da Vila das Almas tem realizado diversas atividades que asseguram e refletem as suas identidades como quilombolas. São algumas dessas práticas culturais que destacaremos no texto: a culinária, o artesanato, as danças tradicionais, as lendas e as festas/festejos.

A presente pesquisa teve como objetivo investigar os saberes griôs, presentes nas narrativas orais, na memória coletiva, no imaginário e nas representações simbólicas dos elementos culturais da comunidade como condições possíveis de implementação do TBC no quilombo. Assim, propomos apontar respostas ao seguinte problema de pesquisa: a comunidade quilombola da Vila das Almas possui condições estruturais para o desenvolvimento do TBC?

Em termos estruturais, o presente texto divide-se em quatro seções: nas duas primeiras, apresentaremos brevemente o referencial teórico que embasou a nossa investigação, com foco nos conceitos de saberes griôs, patrimonialização e Turismo de Base Comunitária, destacando neste último, seus pressupostos e características. A terceira seção traz a metodologia utilizada para realização da pesquisa e, na última seção, apresentamos as análises e os resultados da pesquisa de campo do PIBIC (2023-2024) intitulada *Saberes Griôs, Memórias, Narrativas Orais e Ancestralidade no Quilombo Saco das Almas*, mais especificamente, na comunidade quilombolas da Vila das Almas, localizada no município de Brejo/MA.



SABERES GRIÔS E PATRIMONIALIZAÇÃO

Um dos temas importantes da nossa pesquisa é o conceito de saberes griôs. Para Lilian Pacheco, em seu livro *A Pedagogia Griô*, “os griôs são figuras emblemáticas da tradição africana, reconhecidos como mestres da palavra e guardiões da história oral de suas comunidades” (Pacheco, 2015, p. 61). Através das diversas culturas e etnias africanas, esses contadores de histórias desempenham um papel crucial que vai muito além da simples narrativa. Eles não são apenas cronistas do passado; os griôs também atuam como educadores, músicos, poetas, conselheiros e líderes espirituais. Suas histórias são entrelaçadas com cantos, danças e ensinamentos que refletem a ancestralidade africana (Pacheco, 2015).

A palavra *griot* vem do francês “griots” e no Brasil é escrita como griô (masculino) ou griota (feminino). Segundo Silva (2012), os griôs originários da região do Mali, África Ocidental, pertencem a uma categoria hereditária de profissionais e são conhecidos numa das línguas mandê como *Diéli* ou *Jeliw* que significa “sangue”, provavelmente numa alusão a importância do sangue para a manutenção da vida e ao sistema circulatório, pois os Griôs difundem os saberes ancestrais adquiridos e transmitidos na oralidade num movimento itinerante pelas aldeias.

São extremamente conceituados socialmente e exercem funções junto às famílias nobres rememorando as conquistas dos ancestrais e encorajando os governantes em tempos de guerras e em outras situações difíceis. Esse reconhecimento se deve ao grande valor atribuído à palavra nas sociedades africanas e a habilidade que os Griôs demonstram em manejá-la em sua multiplicidade de saberes e fazeres.

É importante frisar que os saberes griôs são alicerçados na oralidade, na transmissão de conhecimentos que valorizam a ancestralidade, mas também carregam sentidos espirituais e/ou religiosos para esses saberes. “O Griô aprende e ensina todos os saberes e fazeres da tradição que representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado na oralidade, onde o livro não tem papel social prioritário” (Pacheco, 2015, p. 62).

Dessa maneira, entendemos os saberes griôs como patrimônios imateriais. Sobre o entendimento de patrimônio imaterial, seguimos a orientação do Decreto nº 3.551/00, conforme atestam Castro e Fonseca (2008, p. 12):

O Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que institui o registro e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, compreende o Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro como os saberes, os ofícios, as festas, os rituais, as expressões artísticas e lúdicas, que, integrados à vida dos diferentes grupos sociais, configuram-se como referências identitárias na visão dos próprios grupos que as praticam.

Para Brayner (2007, p. 12), o patrimônio cultural “é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres e expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo”. Assim, o patrimônio cultural pode ser dividido em patrimônio cultural material e patrimônio cultural imaterial.

A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. Esses artigos da Constituição reconhecem a inclusão, no patrimônio a ser preservado pelo Estado em parceria com a sociedade, dos bens culturais que



representam as referências dos diferentes grupos que formam a sociedade brasileira. O patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração e é constantemente recriado pelas comunidades e grupos com base em seu ambiente, na sua interação com a natureza e na sua história. Esse processo gera um sentimento de identidade e continuidade, além de contribuir para o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Dito isto, não há o que se negar sobre a patrimonialização dos saberes griôs. No Brasil, os saberes acumulados por esses mestres e que são trazidos para o contexto da educação formal fazem parte do patrimônio cultural imaterial brasileiro, segundo o Decreto nº 3.551, de 4/08/2000 do Ministério da Cultura - MINC. Não só na Bahia, mas em vários estados, “estão se estruturando políticas afirmativas para a inserção de griôs em diferentes espaços educativos. No Rio Grande do Sul, a nível estadual, há a Lei Griô, que a exemplo da lei nacional em tramitação, objetiva a valorização e o reconhecimento da tradição oral” (Porto, 2016, p. 5).

O reconhecimento desses saberes é fundamental para o processo de valorização das identidades, culturas e saberes locais no Brasil. Sobre esse entendimento afirma Hall (2006, p. 47) entende que uma cultura nacional deve ser entendida como uma “comunidade imaginada”, na qual se condensam três conceitos: as memórias do passado, o desejo por viverem conjunto e a perpetuação da herança.

Comunidades tradicionais como a dos moradores do Quilombo Saco das Almas vivem uma constante luta pela construção de identidades que se tornem patentes em seu cotidiano. Obviamente, a memória exerce papel essencial nesse processo, e isso pode ser percebido nas mais diversas manifestações culturais da comunidade (Ferreira et al., 2020a, p. 693).

Daí, outro conceito crucial para o entendimento dos saberes griôs é a noção de memória. Para Halbwachs (2006), a memória individual é sempre formada a partir de uma memória coletiva, uma vez que todas as lembranças são criadas dentro de um contexto grupal. Em outras palavras, o autor adota uma perspectiva psicossocial da memória. Muitas ideias, reflexões, sentimentos e paixões que acreditamos ser de nossa autoria são, na verdade, influenciadas pelo grupo.

A ancestralidade só pode ser garantida e transmitida geração após geração através da ressignificação das memórias e identidades da comunidade quilombola. “O capital cultural dos moradores do Saco das Almas se alimenta das memórias daqueles que construíram, participaram, vivenciaram e lutaram pela posse da terra ao longo dos anos” (Ferreira et al., 2020a, p. 696).

No Brasil, novas epistemologias nas Ciências Humanas e Sociais postulam sobre a ancestralidade, tais como a Filosofia da Ancestralidade (Oliveira, 2012), que dialoga com o pensamento negro-africano (antropologia, filosofia e literatura), com a filosofia latino-americana da libertação e com o pensamento social negro no Brasil.

Dessa maneira, a memória ganha um outro sentido quando associada aos valores culturais quilombolas, uma vez que as culturas quilombolas são carregadas de valores ancestrais de matrizes africanas, ou seja, são valores simbólicos bem diferentes das simbologias ocidentais. Por isso, há que se falar em memória ancestral quilombola, por que na África “o ser não é individualista, ele é coletivo, ele é plural” (Oliveira, 2009, p. 234). A história é coletiva e a identidade também vai ser coletiva, uma vez que, será construída no processo de resistência cultural.



Essas concepções da memória ancestral africana (coletiva e social) são importantes para as reflexões que teceremos sobre o entendimento do conceito de Turismo de Base Comunitária (TBC).

O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: BREVES REFLEXÕES TEÓRICAS

Segundo Costa (2013), o TBC é “um modelo de desenvolvimento turístico centrado nos recursos (humanos, naturais e de infraestrutura) endógenos de determinada localidade” (p. 174). Dessa maneira, é extremamente importante que as comunidades estejam presentes no processo de gestão e oferta de bens e serviços turísticos para a geração de renda para a própria comunidade.

Para Fabrino, Nascimento e Costa (2016), com base nos princípios, premissas, objetivos e componentes do TBC encontrados na literatura, delinear-se-iam os elementos-chaves do turismo comunitário, os seguintes aspectos:

- **Dominialidade:** refere-se ao grau de domínio da comunidade sobre os aspectos de controle, propriedade e gestão da atividade turística;
- **Organização comunitária:** diz respeito ao modelo e processo de gestão consolidado em torno do TBC, além de sua interação com o ambiente externo;
- **Democratização de oportunidades e repartição de benefícios:** refere-se à existência de mecanismos/acordos que contribuem para a repartição dos benefícios advindos da atividade turística na localidade e para a democratização de oportunidade no acesso de seus membros às atividades relacionadas ao turismo;
- **Integração econômica:** evidencia a integração do turismo com as outras atividades econômicas da localidade, identificando novos arranjos surgidos a partir do seu advento;
- **Interculturalidade:** relaciona-se com o intercâmbio cultural e a troca de referências e experiências estabelecidas entre os turistas e a comunidade local;
- **Qualidade ambiental:** refere-se às condições da comunidade com relação ao saneamento ambiental e, ainda, as formas de manejo dos recursos naturais locais.

Sendo o primeiro, a “dominialidade”, um dos critérios mais importantes para se categorizar o TBC é a questão da “dominialidade”, pois é esse elemento-chave que garante os direitos de propriedade da comunidade e assegura uma reserva de mercado em favor da comunidade, na qual garante que a geração de renda favoreça a própria comunidade local e a insira no desenvolvimento da cadeia produtiva do turismo.

Assim, o TBC não nasce em comunidade do nada. É necessária toda uma organização da cadeia produtiva local de forma coletiva e estruturada para que atividades ocorram de maneira eficiente.

A Organização Comunitária também representa um elemento constitutivo do turismo comunitário. Não há um modelo predeterminado para essa organização (forma e gestão), mas ela deve estar presente como uma representação legal dentro da própria comunidade e na sua interação com o ambiente externo (Costa, 2013, p. 187).

Notamos nos preceitos que norteiam a ideia do TBC a necessidade de uma organização social comunitária, independente, das formas de organização e gestão das comunidades. Quando nos deparamos com esse critério de classificação – organização social comunitária – surgiu-nos o seguinte questionamento: o que caracteriza essa organização social? Ela independe de critérios rígidos de forma e gestão? Seria



necessária uma comunidade possuir associações ou cooperativas para se estabelecer enquanto espaço turístico favorável a um destino de TBC? Como ficam os registros dessas informações com comunidades que recebem turistas, mas ainda não possuem registros empresariais ou cadastros (CNPJ ou similares) nos setores oficiais do turismo?

Muitas dessas questões não possuem respostas satisfatórias. Há muitas controvérsias entre os pesquisadores e entendimentos diferenciados sob a perspectiva (macro ou micro) em que se vê o nicho do TBC, no Brasil. Segundo Carlos Maldonado (2009), “O TRC⁴ é um fenômeno recente na América Latina; as primeiras incursões de comunidades isoladas são datadas em meados dos anos 80. Diversos fatores de ordem econômico, social, cultural e político explicam a sua origem” (p. 26).

É um nicho que surge em oposição ao “padrão convencional do turismo de massa, cujos pacotes rígidos e impessoais obedecem a uma lógica econômica de um retorno imediato e máximo dos investimentos” (Maldonado, 2009, p. 26). Justamente, por ir de encontro à lógica do *trade* turístico (visão macro), do turismo de massa, o TBC tem muitas dificuldades de apoio e implementação no Brasil.

O TRC responde a um segmento do mercado especializado (nicho) ao dirigir-se a pequenos grupos de viajantes em busca de experiências pessoais originais e enriquecedoras, combinando vivências culturais autênticas, desfrutando de cenários naturais e de uma remuneração adequada do trabalho comunitário (Maldonado, 2009, p. 26).

Comunidades, como a que apresentamos no presente texto – o Quilombo Saco das Almas, têm muitos obstáculos para empreender, abrir um CNPJ, ou mesmo um cadastro como MEI. Ainda que possuam práticas socioculturais coletivas – farinhadas, teatro da Via Sacra, tambor de crioula, bumba-meu-boi, festas, torneios, rituais (vizinhar esmola, levar cachaça para João Velho no cemitério), não recebem nenhum tipo de apoio da iniciativa pública ou privada para empreender o TBC na comunidade. É sobre esse cenário que dialogaremos na próxima seção.

METODOLOGIA

O caminhar metodológico da investigação foi oriundo de três movimentos de pesquisa simultâneos: i) a pesquisa do PIBIC (2023-2024) intitulada *Saberes Griôs, Memórias, Narrativas Oraís e Ancestralidade no Quilombo Saco das Almas*; ii) os projetos de extensão *Criação e Inovação de Produtos Quilombolas (CIPROQUI)* e o *Saberes Griôs, Literatura, Formação de Professores e Tecnologias Educacionais* e iii) a nossa participação na Rede de Pesquisa *TBC-Maranhão*, grupo criado pela pesquisadora Ma. Mônica de Nazaré Ferreira Araújo, do Departamento de Turismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Dessa forma, nossos passos foram desenvolvidos em três etapas para a construção dos corpus que apresentamos nos resultados obtidos. A primeira parte foi dedicada ao levantamento bibliográfico, de materiais como artigos, dissertações, teses e livros, sobre o TBC, com Fabrino, Nascimento e Costa (2016), Irving (2002), Graciano e Holanda (2020), Bartolo, Sansolo e Bursztyn (2009); sobre os saberes griôs, com Lilian

⁴ Em grande parte da América Latina o TBC é denominado TRC (Turismo Rural Comunitário). No Brasil, a nomenclatura TBC (Turismo de Base Comunitária) é mais plausível, uma vez que nem todas as comunidades que se “enquadram” no nicho estão na zona rural.



Pacheco (2015), Eduardo Oliveira (2012), Julvan Oliveira (2009); sobre patrimônio cultural, com Brayner (2017), Castro e Fonseca (2008), sobre memória, com Maurice Halbwachs (2006) e sobre o quilombo Saco das Almas, com Ferreira et al. (2018, 2019, 2020, 2021).

Na segunda fase, foi realizada a pesquisa de campo propriamente dita, que incluiu a aplicação dos instrumentos de coleta de dados e a análise dos dados coletados. Durante essa etapa, exigiu-se uma interação constante com os participantes da pesquisa, buscando-se integrar ao contexto das memórias do quilombo.

Utilizamos a etnografia como metodologia de pesquisa e a observação participante como método de coleta de dados. Em vez de entrevistas, optamos pela análise da conversação, aproveitando os momentos de rodas de conversa e interações com os quilombolas nas oficinas e palestras.

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva. Segundo Chizzotti (2000, p. 79),

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuindo de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Por isso, foram realizadas oficinas e palestras com os moradores da região, com o objetivo de construir conhecimentos e a valorização das identidades culturais. Ao longo de dois anos, fizemos oito incursões ao quilombo, duas a cada semestre. Cada incursão foi roteirizada com uma programação previamente organizada para aproveitarmos ao máximo a participação da comunidade.

Sempre levávamos alunos dos cursos de graduação da UFMA/Campus de São Bernardo para participarem das atividades. Era uma maneira de apresentar o quilombo a visitantes, turistas em potencial, e promover os potenciais turísticos da comunidade para pessoas de fora.

Interessante citar que atualmente uma das visitas mais solicitadas pelos turistas é no túmulo de João velho que fica no cemitério da cidade. A lenda de João Velho, presente no imaginário e na espiritualidade dos moradores do quilombo Saco das Almas, é um importante símbolo da ancestralidade de matriz africana, pois é uma manifestação concreta da fé, das crenças e do misticismo que são parte da herança de seus ancestrais.

Para os moradores da localidade, João Velho é respeitado pelo seu poder de atender as promessas feitas pelos quilombolas em função de terem de volta algum objeto perdido. Seu Jorge Ricardo nos contou que quando uma pessoa perde um porco, bode, carneiro, anel, brinco, chave ou qualquer objeto é só pedir para João Velho dizendo: “João Velho, me ajuda a achar tal coisa que eu te dou um litro de cachaça”, e o objeto não demora aparecer, pode ser no mesmo dia ou dias depois. Essa é a associação de João Velho com São Longuinho (encontrar coisas desaparecidas) e uma das diferenças entre eles está no pagamento dos feitos atendidos: São Longuinho pagamos três pulinhos; João Velho, com uma garrafa de cachaça. Depois do pedido atendido, a pessoa leva o pagamento da promessa concedida, que corresponde a um litro de cachaça depositado no buraco da pedra no centro do túmulo, assim, a pessoa que teve o

pedido atendido dá o primeiro gole e vai colocando, aos poucos a cachaça no buraco, para não o embriagar. É nesse buraco que as pessoas jogam a cachaça como forma de pagamento ao João Velho pelos pedidos realizados. É o verdadeiro ritual de trocas simbólicas se concretizando (Ferreira, 2020b, p. 14-15).

Figura 1. Túmulo de João Velho



Fonte: GEPENADEC (2023)

Interessante mencionar que a etnografia é um método efetivo para se acessar as subjetividades mais latentes e inconscientes dos participantes da pesquisa (Fontana, 2018). Levamos quatro anos de imersão para que eles falassem de João Velho e nos mostrassem o túmulo. Tinham vergonha da história, achavam que falar sobre isso seria ruim para eles.

A Etnografia é a imersão do pesquisador em uma comunidade para observar, participar e documentar a vida social (Fontana, 2018). Entre os métodos etnográficos, destacam-se: a observação participante, as entrevistas, a coleta de histórias de vida, e a análise de rituais e práticas cotidianas. Para Mattos (2011, p. 54), a “Etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de



sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo”.

A terceira e última fase do projeto envolveu a coleta, organização e análise dos conhecimentos dos griôs, que foram pesquisados e selecionados para apoiar o desenvolvimento econômico e comunitário do quilombo. Esta fase incluiu atividades educativas, formação de professores e a utilização de ferramentas tecnológicas.

Nosso objetivo foi ouvi-los, diagnosticar sua realidade, vivências e experiências, e alinhar os interesses coletivos às necessidades da comunidade. Depois de descritos os aspectos mais importantes, apresentamos as nossas impressões e diagnósticos sobre o TBC na Vila das Almas a partir dos critérios apresentados por Fabrino, Nascimento e Costa (2016): i) dominialidade, ii) organização comunitária, iii) democratização de oportunidades e repartição de benefícios, iv) integração econômica, v) interculturalidade e vi) qualidade ambiental.

Sem dúvida, essa etapa do projeto busca dar visibilidade à culinária quilombola, assim como preservar a memória, identidade e imaginário dos moradores da Vila das Almas, estabelecendo-os como elementos estratégicos para o desenvolvimento do patrimônio imaterial do Maranhão.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa do PIBIC (2023-2024) intitulada *Saberes Griôs, Memórias, Narrativas Orais e Ancestralidade no Quilombo Saco das Almas* foi crucial para os levantamentos dos dados sobre os saberes griôs com os quais dialogamos entre os professores e alunos da Escola Estadual Centro de Educação Patrício da Cunha Costa e os moradores da comunidade quilombola da Vila das Almas.

A comunidade da Vila das Almas oferece um amplo repertório de produtos culturais que promove o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC) no quilombo. A própria comunidade já reconhece o valor de seu patrimônio cultural, o que representa um avanço significativo: o autorreconhecimento diretamente ligado às identidades culturais dos quilombolas. Entre os saberes griôs destacados, apresentamos a seguinte tabela, dividida entre eixos ou segmentos culturais da comunidade:

Quadro 1 - Saberes griôs da Vila das Almas – potenciais para o TBC na comunidade

SABERES GRIÔS DA VILA DAS ALMAS	
Culinária	Moqueca, Mambeca, Caruru, Mingau de farinha, Paçoca de Coco babaçu, Paçoca de gergelim, Cabeça de galo, Gongo assado, Gongo Frito, Chibé (Ximbéu)
Artesanato	Pinturas em capembas de babaçu, biobijuterias (anéis, colares, pulseiras, brincos), peças em crochê (roupas, mesa, banho), garrafas personalizadas com enfeites de crochê, pinturas e acessórios.
Danças tradicionais	Tambor de Crioula, Bumba-meu-boi, Quadrilha, Capoeira, Maculêlê, Tambor de crioula mirim.
Festas/festejos	Festival de Inverno, Teatro da Via Sacra na Semana Santa, Dia das Mães, Festa de São Pedro, Festejo de Nossa Senhora da Aparecida.
Mitos/Lendas/Religiosidades	A Lenda de João Velho (Preto Velho da comunidade), A Lenda da Baleia Grande (sede do município de Brejo), Seu Antônio rezador (benzedeiro).

Fonte: Brussio (2024)



Consideramos essencial que o patrimônio cultural da Vila das Almas seja inventariado e catalogado para garantir a preservação e continuidade das tradições da comunidade. Em 2022, a pesquisadora Daciléia Lima Ferreira apresentou, em sua dissertação de mestrado, *Inventariando os saberes culinários das comidas emblemáticas da Vila das Almas no Quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA: entre memórias e identidades*, as comidas emblemáticas⁵ que se destacam no quilombo.

Entendemos que o olhar científico para esses aspectos culturais do quilombo (lendas, culinária, artesanato, danças) pode nos ajudar a pensar um planejamento turístico específico para o quilombo Saco das Almas, com base em um turismo rural, sustentável e participativo para a comunidade em geral. A partir dessa concepção, realizamos diversas oficinas com a comunidade sobre a importância de conhecer os princípios para a concretização de um Turismo de Base Comunitária no quilombo.

As oficinas foram realizadas em consonância com dois projetos de extensão, coordenados pelo professor Josenildo Campos Brussio, do Curso de Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo (CCSB): o *Criação e Inovação de Produtos Quilombolas* e o *Saberes Griôs, Literatura, Formação de Professores e Tecnologias Educacionais*.

O projeto de extensão *Criação e Inovação de Produtos Quilombolas (CIPROQUI)* teve por objetivo principal investigar os elementos culturais nas tradições dos moradores do Quilombo Saco das Almas em seus diversos segmentos: a culinária, as danças, os festejos, os mitos e lendas do quilombo, a fim de perceber, através da memória coletiva de seus moradores, o imaginário e as representações simbólicas destes produtos culturais para ajudar na organização, cooperação e produção deste patrimônio típico do quilombo.

O projeto de extensão *Saberes Griôs, Literatura, Formação de Professores e Tecnologias Educacionais* procurou aliar os elementos culturais investigados no CIPROQUI, entendidos como saberes griôs, às práticas pedagógicas dos professores da Escola Estadual Centro de Educação Patrício da Cunha Costa, diagnosticando, por meio de oficinas e workshops, os mecanismos pedagógicos de transmissão desses saberes aos moradores da comunidade quilombola da Vila das Almas.

As oficinas realizadas em 2023 e 2024 contaram com a participação de membros da Associação dos Moradores da Vila das Almas, professores e alunos da Escola Estadual Centro de Educação Patrício da Cunha Costa e os moradores da comunidade quilombola da Vila das Almas.

Entre as atividades realizadas, destacaram-se as oficinas: *Os Saberes Griôs na Vila das Almas: memória, ancestralidade e identidade quilombola*, ministradas pelo Dr. Josenildo Campos Brussio (líder do GEPEMADEC) e Ma. Daciléia Lima Ferreira (pesquisadora do GEPEMADEC, doutoranda em Ciências Sociais pela UFRN); *Como Fazer Pinturas Em Capembas?*, ministrada pelo jovem griô da comunidade Marcos Antônio Costa Silva, também professor do Centro de Educação Patrício da Cunha Costa e *A Produção Audiovisual nas Redes Sociais da Vila das Almas* ministrada pelo jovem griô Daniel de Araújo de Xavier.

⁵ A pesquisadora Daciléia Lima Ferreira (2021) utilizou o termo “emblemáticas”, ao se referir às comidas do quilombo que foram inventariadas, porque não são comidas consumidas no dia a dia, nem são comidas típicas, porque não configuram a especificidade de um lugar. As comidas emblemáticas possuem uma representação simbólica bem mais ampla para os quilombolas, fazendo-se presentes em datas comemorativas ou momentos memorialísticos como a Semana Santa, Dia das Mães, Natal, Ano Novo; ou quando saem para caçar, pescar ou catar babaçu, pequi e bacuri.



Foto 1. Oficina Os Saberes Griôs na Vila das Almas: memória, ancestralidade e identidade quilombola



Fonte: GEPENADEC (2023)

Para a equipe executora dos projetos, as oficinas alcançaram os seus objetivos, pois vimos o potencial da comunidade, o quanto eles têm a oferecer, uma cultura em parte adormecida (porque desconhecida para os pesquisadores, ainda que latente para os quilombolas), que tem sido aflorada à medida que intervimos com diálogos e conversas. Dizemos isso, porque hoje eles têm muito orgulho de falar sobre João Velho, e agora o assumem como Preto Velho da comunidade.

Nosso principal objetivo foi despertar a percepção do patrimônio imaterial que eles possuem, dos saberes griôs que perpetuam na comunidade e assim permitir que eles possam enxergar seu potencial e incentivá-los a desenvolver suas potencialidades criativas, para que a partir de suas produções possam ter sua própria renda, valorizando o trabalho da comunidade e de seus moradores. Além disso, percebemos que as interações por meio de oficinas e workshops nos mostraram novos artesãos, dançarinos, contadores de histórias, cozinheira(o)s, escritor(a)s, ou seja, uma variedade de talentos na comunidade.

Foto 2. Oficina Como Fazer Pinturas Em Capembas?



Fonte: GEPENADEC (2023)

Outro ponto forte da comunidade quilombola da Vila das Almas é a relação entre o homem e a natureza que se configura de maneira profundamente enraizada. Essa conexão é evidente em dois dos elementos culturais mais marcantes e que chama a

atenção dos visitantes: as pinturas nas capembas de babaçu e os alimentos emblemáticos do quilombo.

No artigo *A Culinária do Quilombo Saco das Almas: perdas e danos do patrimônio cultural*, de Ferreira et al. (2019), foram catalogados nove pratos tradicionais da culinária do quilombo, incluindo moqueca, ximbéu, mambeca, cabeça de galo, mingau de farinha, paçoca de gergelim, paçoca de coco de babaçu, gongo frito e gongo assado. Em 2022, quando a pesquisadora concluiu o inventário da culinária do quilombo, finalizou a dissertação com dez pratos emblemáticos.

Foto 3. Pinturas em Capembas de babaçu



Fonte: GEPENADEC (2023)

A foto 3 demonstra claramente a importância dos recursos naturais como matéria-prima para a confecção dos produtos quilombolas. Tudo vem da natureza. Os desenhos das mulheres negras africanas são pintados em capembas de coco babaçu coletadas com todo cuidado após caídas das palmeiras de babaçu (não são derrubadas), nas matas do quilombo, ou seja, as capembas não são retiradas de suas árvores de forma indevida, no sentido de devastar as chapadas (babaçuais). Segundo o artesão Marcos Silva, tem-se todo um cuidado em retirar somente as capembas que realmente dão para realizar o trabalho artesanal, além disso, ele mesmo opta em utilizar capembas que já não estão mais fazendo parte do corpo das árvores.

Em relação ao Turismo de Base Comunitária (TBC) e sua conexão com a sustentabilidade, é importante destacar que essa modalidade de turismo já nasce com uma forte correlação com o meio ambiente. Os processos de interação entre o ser humano e a natureza são, de fato, o principal atrativo dessa forma de turismo.

TBC incorpora características do turismo sustentável, apoiado em princípios e valores éticos. Embora defenda uma nova maneira de fazer turismo, esse fato não o torna sustentável, a sustentabilidade não é uma característica inerente, mas um objetivo a ser alcançado. O TBC tem nas atividades tradicionais o seu principal atrativo, alicerçando o seu desenvolvimento (Graciano & Holanda, 2020, p. 5).

A sustentabilidade não é uma característica do TBC, mas um objetivo a ser alcançado. A literatura ressalta seu potencial de promover a conservação ambiental, a valorização da identidade cultural e a geração de benefícios para as comunidades receptoras (Fabrino, Nascimento & Costa, 2016, p. 173).



Temos observado uma crescente preocupação da comunidade em aprimorar o acolhimento de turistas e visitantes. Isso se reflete, inclusive, em ações voltadas para o aspecto físico do quilombo, como a limpeza das ruas e do cemitério, onde se encontra o túmulo de João Velho, e a conservação de objetos e bens patrimoniais de importância cultural para a comunidade.

Este aspecto do TBC – a sustentabilidade – é uma dinâmica que permeia todo o processo da cadeia produtiva da comunidade, principalmente, quando se fala das possibilidades turísticas e de economia criativa da Vila das Almas, uma vez que a maioria dos produtos culturais do quilombo são oriundos de fontes materiais da natureza.

Além disso, notamos um cuidado maior com a preservação dos recursos naturais, especialmente na proteção das margens do riacho que atravessa o quilombo. Também há uma preocupação crescente com a iminente invasão de gaúchos nas terras do Saco das Almas, que têm desmatado áreas próximas à comunidade, incluindo nascentes de riachos da chapada, o que tem impactado significativamente a fauna e flora da região, é a expansão do MATOPIBA⁶. Esse é um dos grandes desafios para o desenvolvimento do TBC no Brasil, como afirma Teresa Mendonça (2009):

o modelo de desenvolvimento econômico vigente não pode mais ser mantido, pois as diversas estratégias econômicas em curso estão associadas a um sistema político-operacional que rapidamente impacta dois processos importantes para a vida humana: o processo de preservação de recursos naturais e o desenvolvimento das comunidades locais. Em todo o mundo há inúmeras evidências de que as diversas atividades econômicas têm afetado de forma significativa a qualidade de vida das comunidades locais (Mendonça, 2009, p. 290).

Faz-se necessário surgirem outras formas de pensar o turismo enquanto atividade econômica. Urgem maneiras de integrar as comunidades tradicionais que são guardiões dos saberes ancestrais da natureza e que têm sido exterminadas em nome do progresso e do desenvolvimento (para quem?). Sobre isto, Irving (2002) coloca: “o turismo passa a exigir a incorporação de uma outra forma de pensar a democratização de oportunidades e benefícios e a configuração de um novo modelo de implementação de projetos, centrados em parceria, co-responsabilidade e participação”.

Dona Dudu menciona outras práticas que integravam o capital cultural da comunidade: “a roça, a pesca e o coco de babaçu faziam parte da tradição alimentar da nossa comunidade” (Ferreira, 2018, p. 47). Esses levantamentos demonstram o quanto a comunidade quilombola se vê envolvida no processo de produção cultural com a valorização das representações e marcas identitárias do seu patrimônio cultural, um passo essencial para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária.

Um dos cerne para uma proposta de desenvolvimento de turismo local em comunidades quilombolas como o Saco das Almas propõe que os planos de ação precisam estar centrados nos recursos endógenos da comunidade. Com a implantação do Curso de Turismo no Campus da UFMA de São Bernardo, vemos a possibilidade de

⁶ MATOPIBA é uma região agrícola no Brasil que compreende quatro estados do Brasil: Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia e atualmente são o maior celeiro produtor de grãos do país. Essa área tornou-se importante para a produção de grãos, especialmente soja, milho e algodão. A expansão agrícola do MATOPIBA levantou questões ambientais e sociais devido ao desmatamento e impactos nas comunidades locais.



auxiliar a desenvolver a implantação do TBC na comunidade quilombola da Vila das Almas em parceria com os projetos de pesquisa atualmente em andamento.

E os resultados dessa parceria estão se concretizando aos poucos. No dia 2 de dezembro de 2023, ocorreu a inauguração do Restaurante 7 Estrelas: que foi uma iniciativa da Líder do Quilombo, Dona Dudu, e do professor Dr. Josenildo Campos Brussio (UFMA/Campus de São Bernardo) com o objetivo de valorizar e promover as comidas típicas do quilombo para visitantes e moradores. O nome "7 Estrelas" foi escolhido porque o restaurante é administrado por sete mulheres, conhecidas como as sete estrelas, elas são as responsáveis pelo preparo das refeições e pela administração do local, trazendo suas habilidades culinárias e tradições para cada prato servido.

Foto 4. Restaurante 7 Estrelas: sabores do quilombo



Fonte: GEPENADEC (2023)

Um dos nossos objetivos do projeto *Saberes Griôs, Memórias, Narrativas Oraís e Ancestralidade no Quilombo Saco das Almas* em curto prazo era mostrar aos moradores da comunidade Vila das Almas por meio das oficinas e workshops que a produção, organização e cooperação deles em relação aos elementos culturais produzidos no quilombo poderia fomentar o TBC na comunidade.

E enfatizamos que não estariam sozinhos. A partir de um processo de instrumentação e intervenção da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de São Bernardo, com os cursos de Turismo e Ciências Humanas/Sociologia, por meio da equipe executora do projeto, em sua atuação de extensão, temos conseguido trazer um impacto positivo na promoção de uma identidade cultural para a comunidade da Vila das Almas, facilitando atividades de campo com escolas e a UFMA, e divulgando as possibilidades de visitação do quilombo por agendamentos.

Hoje, a comunidade se organiza de forma a receber os turistas, por meio de agendamentos e contatos nas redes sociais, sob os cuidados do jovem griô Daniel Xavier, que atualiza as páginas do Instagram da Vila das Almas (@viladasalmas,



@quadrilha_nova_geracao, @bandinhaferrugem10_oficial) e a gestora do Restaurante 7 Estrelas: sabores do quilombo, Dona Dudu.

Foto 5. Restaurante 7 Estrelas: sabores do quilombo



Fonte: GEPEMADEC (2024)

Sabemos que ainda há muito a ser feito para que o Restaurante 7 Estrelas: sabores do quilombo se consolide como uma empresa registrada e integrada aos órgãos governamentais, como as Juntas Comerciais. Irving (2002) relata que a realização de projetos de turismo de base comunitária, com a incorporação e participação efetiva dos moradores, ainda constitui um desafio para muitos e uma realidade para poucos.

Sobre a pesquisa que realizamos em relação às possibilidades do TBC na Vila das Almas, pautados nos critérios elencados por Fabrino, Nascimento e Costa (2016), com base nos princípios, premissas, objetivos e componentes do TBC, apontamos os seguintes diagnósticos:

- **Dominialidade**

Para Fabrino, Nascimento e Costa (2016, p. 5), “de acordo com a literatura, o TBC tem como princípio norteador o controle efetivo da população local sobre as atividades econômicas associadas ao turismo”. Em se tratando da comunidade quilombola da Vila das Almas esse critério é devidamente preenchido uma vez que todas as atividades culturais são organizadas em prol do atendimento aos turistas e ou visitantes.

O restaurante *Restaurante 7 Estrelas: Sabores do Quilombo*, nasceu dessas necessidades. Toda vez que visitantes precisavam desenvolver atividades na comunidade, o dinheiro era arrecadado pelos organizadores da atividade e repassado para uma das lideranças da comunidade a fim de promoverem o preparo das refeições.

Notamos que esse tipo de prática, retirava dos quilombolas a iniciativa, a responsabilidade e a necessidade de se organizarem coletivamente para vender essas refeições diretamente ao cliente, em vez de precisarem de intermediadores para esse processo.

A inauguração do *Restaurante 7 Estrelas: Sabores do Quilombo*, foi a concretização dessa etapa de desenvolvimento organizacional da comunidade. Após muitas reuniões, discussões e planejamentos, sete mulheres quilombolas conseguiram acolher 70 visitantes que passaram o dia em atividades pedagógicas na comunidade quilombola, no



dia 2 de dezembro de 2023. Foi o início de uma jornada que prossegue atualmente e esperamos que continue firme e forte.

- **Organização Comunitária**

A comunidade possui a *Associação dos Moradores do Povoado Vila das Almas da Data Saco das Almas*, uma instituição registrada em cartório que já existe há vários anos na comunidade e exerce um papel crucial nas tomadas de decisões coletivas do quilombo.

- **Democratização de Oportunidades e Repartição de Benefícios**

Segundo a Dona Dudu, gestora do *Restaurante 7 Estrelas: Sabores do Quilombo*, todas as decisões de planejamento organização e execução das atividades do restaurante são decididas coletivamente. Os lucros são repartidos igualmente entre as sete mulheres e a prestação de contas é feita regularmente.

- **Integração Econômica**

Boa parte dos insumos para a produção dos alimentos é produzida no próprio Quilombo, mas há insumos que precisam ser adquiridos na sede do município em Brejo/MA, com antecedência, sob pena de prejudicar a cadeia de produção.

No *Restaurante 7 Estrelas: Sabores do Quilombo*, sempre que possível, ficam disponíveis outros produtos quilombolas, tais como, artesanatos: biobijuterias, peças de roupas de crochê, artigos de cama mesa e banho de crochê e doces artesanais.

- **Interculturalidade**

Segundo Fabrino, Nascimento e Costa (2016, p. 7), a Interculturalidade tem como intenção averiguar o intercâmbio cultural promovido pelas experiências de TBC, a partir da troca de referências e experiências entre os visitantes e a comunidade local.

Na Vila das Almas, visitantes e quilombolas vivenciam os mesmos espaços: “esse ambiente conforma-se de maneira mais orgânica aos modos de vida locais, permitindo, assim, mais intensidade na interação turista-comunitário” (Fabrino, Nascimento & Costa, 2016, p. 7). Logo, no turismo comunitário não existe uma paisagem construída para o turismo, o visitante se integra a uma paisagem social preexistente que independe de sua presença.

- **Questão Ambiental**

Como dissemos anteriormente, a questão ambiental é um elemento central para o desenvolvimento do TBC na comunidade. Primeiro, porque a matéria-prima de grande parte da produção dos produtos quilombolas é oriunda da natureza; segundo, os saberes griôs e as tradições do quilombo dependem da preservação e conservação do meio ambiente para sua continuidade e existência; terceiro, a ancestralidade, a memória e a identidade dos quilombolas estão marcadas na relação quilombola versus natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo do texto, os saberes griôs estão intrinsecamente presentes na memória, nas tradições e nas práticas culturais dos moradores da Vila das Almas. Estas manifestações refletem a identidade cultural e a ancestralidade do quilombo, sendo parte vital de suas narrativas e experiências.

Sem dúvidas, seria de grande valia contar com o apoio do poder público e/ou privado em investimentos para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária no Quilombo Saco das Almas, mas enquanto isso não acontece, ficamos felizes em ver que os esforços dos pesquisadores do GEPEMADEC, da Universidade Federal do Maranhão, do Campus de São Bernardo, ao longos desses oito anos de atividades de pesquisa e



extensão têm alcançado resultados exitosos, como a criação do *Restaurante 7 Estrelas: sabores do quilombo*.

Atividades de pesquisa e extensão auxiliam a comunidade quilombola na conscientização e dinâmica da economia criativa, da importância da produção cultural local e preservação e conservação destes saberes locais como possibilidades de um desenvolvimento de TBC em um futuro breve.

Pelos diagnósticos apresentados nos resultados da pesquisa, ficou evidenciado que a comunidade quilombola da Vila das Almas, no quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA, atende aos requisitos, princípios, premissas, objetivos e componentes do TBC, conforme apresentados por Fabrino, Nascimento e Costa (2016, p. 5): i) dominialidade, ii) organização comunitária, iii) democratização de oportunidades e repartição de benefícios, iv) integração econômica, v) interculturalidade e vi) qualidade ambiental.

Por fim, resta-nos acompanhar e continuar contribuindo de forma acadêmica, por meio de pesquisas e intervenções (extensão) com oficinas, workshops, eventos, para o desenvolvimento do TBC na comunidade quilombola da Vila das Almas. Os resultados, ainda que lentos, têm sido promissores, mesmo sem o apoio (ainda) da iniciativa pública e/ou privada.

REFERÊNCIAS

Bartolo, R., Sansolo, D. G., & Bursztyn, I. (2009). *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem.

Brayner, N. G. (2007). *Patrimônio cultural imaterial: para saber mais*. Brasília: IPHAN.

Castro, M. L. V., & Fonseca, M. C. L. (2008). *Patrimônio imaterial no Brasil*. Brasília: Unesco, Educarte.

Chizzotti, A. (2000). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 4. ed. São Paulo: Cortez.

Costa, H. A. (2013). *Destinos do turismo: percursos para a sustentabilidade*. Rio de Janeiro: FGV.

Fabrino, N. H., Nascimento, E. P., & Costa, H. A. (2016). Turismo de Base Comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. *Caderno Virtual de Turismo*, 16(3), 172 – 190.

Ferreira, D. L. (2018). *Memória e identidade na Vila das Almas: um estudo sobre o trabalho da Pastoral Afro-brasileira no Quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA.

Ferreira, D. L. (2021). *Inventariando os saberes culinários das comidas emblemáticas da Vila das Almas no quilombo saco das almas, em Brejo/MA: entre memórias e identidades* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA.



Ferreira, D. L., Brito, D. C., Carvalho, C. M. B., & Brussio, J. C. (2020b). A Lenda de João Velho: imaginário, fé e misticismo na Vila das Almas. *Infinitum Revista Multidisciplinar*, 3(4), 6- 25.

Ferreira, D. L., Carvalho, C. M. B., & Brussio, J. C. (2019). Da África ao Brasil: o sagrado e o profano no imaginário do tambor de crioula no maranhão. *Revista Labirinto*, 31(1), 144-159.

Ferreira, D. L., Carvalho, C. M. B., Brussio, J. C., & Silva, V. C. R. F. (2020a). Memória e identidade no Quilombo Saco das Almas: luta, resistência e direitos quilombola. *Revista Contemporânea*, 10(2), 685-704.

Fontana, F. (2018). Técnicas de Pesquisa. Etnografia. In Mazucato, T. *Metodologia da pesquisa e do trabalho científico*. Penápolis: FUNEPE.

Gomez, C. R. P., Falcão, M. C., Castillo, L. A. G., Correia, S. N., & Oliveira, V. M. de. (2015). Turismo de Base Comunitária como Inovação Social: congruência entre os constructos. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 13(5), 1213-1227.

Graciano, P. F., & Holanda, L. A. (2020). Análise bibliométrica da produção científica sobre turismo de base comunitária de 2013 a 2018. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, RBTUR, 14(1), 161 – 179.

Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.

Hall, S. (2006) *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

Irving, M. A. (2002). Refletindo sobre o ecoturismo em áreas protegidas: tendências no contexto brasileiro. In Irving, M, & Azevedo, J. *Turismo: o desafio da sustentabilidade*. São Paulo: Futura.

Maldonado, C. (2009). O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In Bartolo, R., Sansolo, D. G., & Bursztyn, I., *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem.

Mattos, C. L. G. (2011). A abordagem etnográfica na investigação científica. In Mattos, C. L. G., & Castro, P. A. (orgs), *Etnografia e educação: conceitos e usos* (pp. 49-83). Campina Grande: EDUEPB.

Oliveira, E. D. (2012). Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. 18, 28-47.

Oliveira, J. M. (2009). *Africanidades e educação: ancestralidade, identidade e oralidade no pensamento de Kabengele Munanga* (Tese de Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.



Pacheco, L. (2015). A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade. *Diversitas*, 2(3), 22-99.

Porto, H. T. (2016). A importância de Griôs na socialização de saberes e de fazeres da cultura. *Processocom*, Unisinos. Recuperado de <https://www.processocom.org/2016/06/01/a-importancia-de-grios-na-socializacao-de-saberes-e-de-fazeres-da-cultura/>

Silva, S. R. (2012). Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra. In *Actas XII Colóquio Internacional de Geocrítica*, Bogotá, Colômbia.

Cronologia do Processo Editorial

Editorial Process Chronology

Recebido em: 24/02/2025

Aprovado em: 07/04/2025

Received in: February 24, 2025

Approved in: April 07, 2025